A Santa Sé

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
NA SOLENE CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
EM SUFRÁGIO DOS CARDEAIS
E BISPOS FALECIDOS DURANTE O ANO

Sexta-feira, 11 de Novembro de 2005

Senhores Cardeais
Venerados Irmãos no Episcopado
e no Presbiterado

O mês de Novembro assume uma sua peculiar tonalidade espiritual pelos dois dias com que inicia: a Solenidade de Todos os Santos e a Comemoração de todos os fiéis defuntos. O mistério da comunhão dos santos ilumina de modo particular este mês e toda a parte final do ano litúrgico, orientando a meditação sobre o destino terreno do homem à luz da Páscoa de Cristo. Nela tem o seu fundamento aquela esperança que, como diz são Paulo, é tal que "não desilude" (cf. *Rm* 5, 5).

A celebração hodierna insere-se neste contexto, no qual a fé sublima sentimentos profundamente inscritos no coração humano. A grande família da Igreja encontra nestes dias um tempo de graça, e vive-o, segundo a sua vocação, estreitando-se em oração junto do Senhor e oferecendo o seu Sacrifício redentor em sufrágio dos fiéis defuntos. De modo particular, nós hoje oferecemo-lo pelos Cardeais e Bispos que nos deixaram durante o último ano.

Fiz parte por muito tempo do Colégio Cardinalício, do qual também fui decano por dois anos e meio. Portanto, sinto-me particularmente ligado a esta singular comunidade, que tive a honra de presidir também nos dias inesquecíveis a seguir ao falecimento do amado Papa João Paulo II. Ele deixou-nos, entre outros muito luminosos, o exemplo muito precioso da oração, e também neste momento nós recolhemos a sua herança espiritual, conscientes de que a sua intercessão continua ainda mais intensa do Céu. Nos últimos doze meses os venerados Irmãos Cardeais que

passaram "para a outra margem" são cinco: Juan Carlos Aramburu, Jan Pieter Schotte, Corrado Bafile, Jaime Sin e, há menos de um mês, Giuseppe Caprio. Hoje confiamos ao Senhor, juntamente com as suas almas, as dos Arcebispos e Bispos que, neste mesmo período, concluíram a sua jornada terrena. Elevemos juntos a oração por cada um deles, na luz da Palavra que Deus nos dirigiu nesta liturgia.

O trecho do livro do Sirácide contém primeiro uma exortação à perseverança nas provações e, por conseguinte, um convite à confiança em Deus. Ao homem que atravessa as vicissitudes da vida, a Sabedoria recomenda: "Conserva-te unido a Ele ao Senhor e não te separes, para teres bom êxito no teu momento derradeiro" *(Sir* 2, 3). Quem se coloca ao serviço do Senhor e dedica a sua vida ao mistério eclesial não está livre das provas, aliás, encontra as mais insidiosas, como demonstra amplamente a experiência dos santos. Mas viver no temor de Deus liberta o coração de qualquer receio e emerge-o no abismo do seu amor. "Vós que temeis o Senhor, confiai nele... contai com a prosperidade, a alegria eterna e a misericórdia" *(Sir* 2, 8-9).

Este convite à confiança relaciona-se directamente com o início da perícope do Evangelho de são João há pouco proclamada: "Não se perturbe o vosso coração diz Jesus aos Apóstolos na Última Ceia credes em Deus; crede também em mim" *(Jo* 14, 1). O coração humano, sempre inquieto enquanto não encontrar um porto seguro na sua peregrinação, alcança finalmente a sólida rocha onde parar e repousar. Quem confia em Jesus, põe em Deus a sua confiança. De facto, Deus é verdadeiro Homem, mas nele podemos ter fé total e incondicionada, porque como afirma ele próprio após ter-se dirigido a Filipe ele está no Pai e o Pai está nele (cf. *Jo* 14, 10). Nisto, Deus veio verdadeiramente ao nosso encontro. Nós, seres humanos, temos necessidade de um amigo, de um irmão que nos pegue pela mão e nos acompanhe até à "casa do Pai" *(Jo* 14, 2); precisamos de alguém que conheça bem o caminho. E Deus, no seu amor "superabundante" *(Ef* 2, 4), enviou o seu Filho, não só para o indicar a nós, mas para se fazer ele mesmo o "caminho" *(Jo* 14, 6).

"Ninguém pode ir até ao Pai senão por por mim" *(Jo* 14, 6), afirma Jesus. Aquele "ninguém" não admite excepções; mas, considerando bem, é o equivalente de outra palavra, que Jesus pronunciou ainda na Última Ceia quando, tomando o cálice, disse: "Este é o Meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados" *(Mt* 26, 28). Também os "lugares" na casa do Pai são "muitos", no sentido de que junto de Deus há lugar para "todos" (cf. *Jo* 14, 2).

Jesus é o caminho aberto para "todos"; não existem outros. E os que parecem "outros", na medida em que são autênticos, ou reconduzem a Ele, ou não levam à vida. Por conseguinte, é inestimável o dom que o Pai fez à humanidade enviando o Filho unigénito. A este dom corresponde uma responsabilidade, que é tanto maior quanto mais estreita é a relação que dele deriva com Jesus. "A quem muito foi dado diz o Senhor muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito será pedido" *(Lc* 12, 48). Por este motivo, enquanto damos graças a Deus por

todos os benefícios que ele concedeu aos nossos Irmãos defuntos, oferecemos por eles os merecimentos da paixão e morte de Cristo, para que preencham as lacunas devidas à fragilidade humana.

O Salmo responsorial (121/122) e a segunda Leitura *(1 Jo* 3, 1-2) dilatam os nossos corações com a admiração da esperança, à qual fomos chamados. O Salmista faz-nos cantá-la como hino a Jerusalém, convidando-nos a imitar espiritualmente os peregrinos que "subiam" à cidade santa e, depois de um longo caminho, chegavam cheios de alegria às suas portas: "Que alegria quando me disseram: / "Vamos para a casa do Senhor"! / Os nossos pés detêm-se / às tuas portas, ó Jerusalém" *(Sl* 121, 1-2). O Apóstolo João, na sua Primeira Carta, expressa-a comunicando-nos a certeza, repleta de gratidão, de nos termos tornado filhos de Deus e, ao mesmo tempo, a expectativa da manifestação plena desta realidade: "Agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser... quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é" *(1Jo*3, 2).

Venerados e amados Irmãos, com o coração voltado para este mistério de salvação, oferecemos a Divina Eucaristia pelos Purpurados e Prelados que há pouco nos precederam na passagem derradeira para a vida eterna. Invocamos a intercessão de são Pedro e da Bem-Aventurada Virgem Maria, para que os acolham na casa do Pai, na confiante esperança de poder um dia unirmo-nos a eles para gozar da plenitude da vida e da paz. Amém.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana